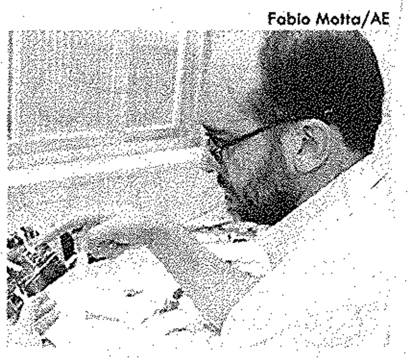
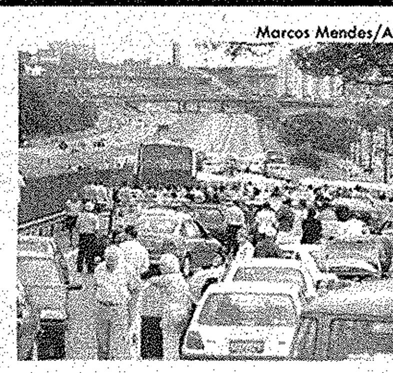
Acervo ISA

JT
22/4/97 11e12A
Pataxó Hã Hã Hãe
515

Geral

Fabio Motta/AE


VIGÁRIO GERAL
Fotos analisadas pelo legista Nelson Massini (foto) revelam erro de perícia criminal no levantamento das provas da chacina.
Página 13A

Marcos Mendes/AE


ESTRADAS
Perueiros do ABCD fecham por quatro horas uma pista da Rodovia Anchieta, complicando o trânsito na volta do feriado.
Página 14A

Assassinos de índio têm mordomia

HORAS DEPOIS DA MORTE DE ÍNDIO PATAXÓ, POLÍCIA TRANSFERE E ISOLA ACUSADOS ALEGANDO QUE ELES FORAM AMEAÇADOS POR OUTROS PRESOS

MINISTRO MANDA APRESSAR O PROCESSO

Human Rights aprova ação do governo

O ministro interino da Justiça, Milton Seligman, afirmou que se reunirá hoje com o Ministério Público para apressar o processo referente ao assassínio do índio Galdino Jesus dos Santos.

As providências adotadas pelo ministro foram bem recebidas pela Human Rights Watch, uma das mais importantes entidades de defesa dos direitos humanos no mundo. "O governo está cumprindo sua parte", constatou o dirigente da Human Rights no Brasil, James Cavallaro. "Este é um caso típico de discriminação racial e deve ser punido exemplarmente, para que não se torne comum, como no Burundi, Bósnia e Ruanda."

"A cobrança será maior porque o morto era um índio, tutelado pelo Estado"

Francisco Leite, o único promotor de Justiça que conseguiu mandar para a prisão jovens da classe média do Distrito Federal condenados por assassinato, reconheceu ontem que a legislação em vigor favorece a impunidade da chamada "elite" da sociedade. Segundo ele, existe um agravante jurídico e social no episódio, por se tratar de um indivíduo tutelado pelo Estado. "A sociedade vai ser mais exigente na cobrança da Justiça", previu.

Francisco Leite conseguiu obter a condenação a 28 anos de prisão do chefe de uma gangue, Gêngis Keiyne, que matou o adolescente Marco Antônio Velasco, há três anos. Ele lembrou que, apesar de ter sido um crime igualmente horripilante, os assassinos de Marco Antônio foram movidos por uma espécie de acerto de contas. "Ao contrário de agora, quando os cinco rapazes decidiram queimar uma pessoa dormindo, totalmente desprotegida e que eles nem conheciam."

Para o promotor, a impunidade existente no País é favorecida pela forma como os representantes da classe dominante fazem as leis. Segundo Francisco Leite, o que se constata é a existência de leis brandas para delitos que eventualmente poderiam ser cometidos pelos idealizadores da legislação, como o crime de colarinho branco. "A rigidez existe, sim, para crimes como o estupro, que em princípio seria cometido por pessoas de menor qualificação", observou.

Outro episódio recente que chocou os brasilienses envolveu Fabrizio Klein, filho do então ministro dos Transportes, Odacir Klein. O jovem dirigindo em alta velocidade, atropelou e matou o operário Elias Barbosa de Oliveira Júnior. A juíza Maria Leonou nem mesmo mandou apreender a carta de motorista de Fabrizio, condenado a doar 58 cestas básicas. "A posição da juíza não está isolada no contexto", afirma Leite. "Todos os dias, os juízes fazem aquilo que ela fez."

Édson Luiz e Rosa Costa/AE

PAIS NÃO FALAM DO CRIME

Familiares dos acusados mantêm silêncio

Os pais dos cinco rapazes acusados de atear fogo e matar o índio Galdino não querem falar do ato de seus filhos. Nenhum dos pais foi encontrado em casa, no dia de ontem, nem nenhum deles visitou os filhos na prisão. Com exceção de Antônio Novely Vilanova, que mora em uma área comercial da Asa Norte, os demais assassinos residem em quadras de classe média alta.

Segundo vizinhos, todos os estudantes eram pessoas comportadas. Max Rogério Alves, de 19 anos, motorista do carro que conduzia os cinco rapazes, mora na quadra 111 Sul, num apartamento de quatro quartos, com a mãe e o padastro, um procurador de justiça. Eron Chaves de Oliveira, filho de um tenente-coronel reformado da Polícia Militar do DF, reside na quadra 213 Sul. As duas famílias tinham viajado.

Os irmãos Thomás Oliveira Andrade e G.N.O.A., de 16 anos, moram mais modestamente na quadra 413 Sul e são orfãos de pai. O carro da família permanecia estacionado no prédio. A mãe, uma funcionária pública, chegou a ir à delegacia na tarde de domingo, mas não ficou muito tempo. Ontem, não atendia o interfone.

Antônio Novely é filho do juiz da 7ª Vara Federal de Brasília, Novely Vilanova Reis, mas estava morando com um irmão na Asa Norte. Na quadra 216 Sul, onde morou com os pais até o final do ano passado, Antônio era conhecido pelos vizinhos como um rapaz quieto e que só descia de seu apartamento para jogar futebol na posição de zagueiro.

Édson Luiz e Gustavo Paul/AE

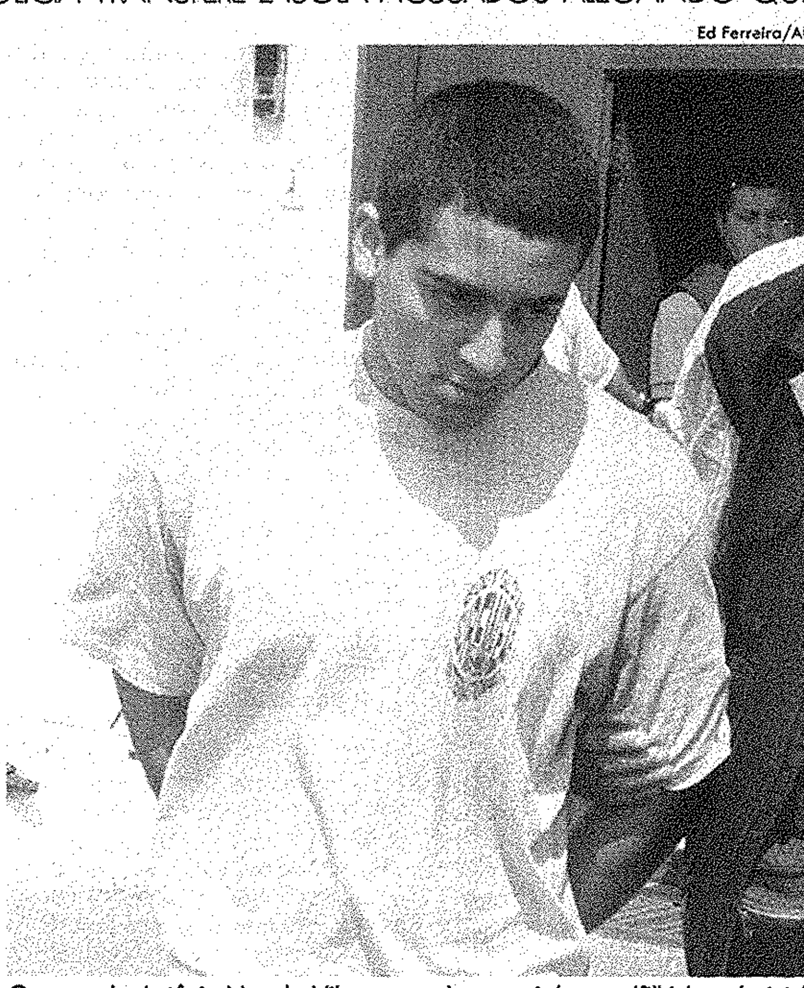
RELATÓRIO

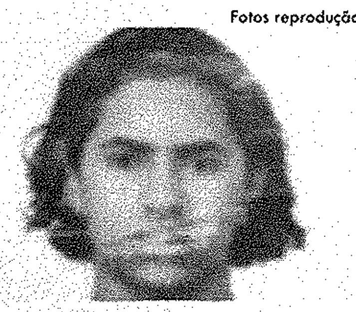
A rotina da violência contra os índios

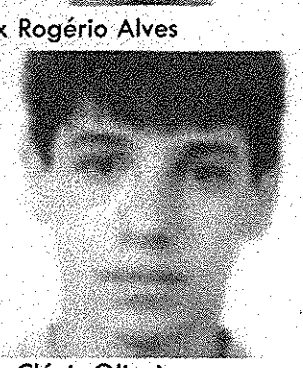
A morte de Galdino foi um dos 233 casos de violência contra índios em dois anos. Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), 25 índios morreram assassinados em 1995 — último levantamento feito pelo órgão —, dos quais 15 por brancos. Um dos mortos era João Cravim, irmão de Galdino, mas seus assassinos nunca foram punidos. Segundo relatório da Funai, a violência contra índios aumentou cerca de 145% nos últimos anos.

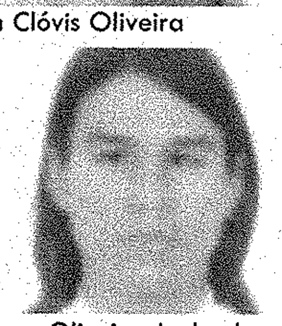
Em 1995, além dos 25 homicídios, os índios em todo o País foram vítimas de 5 ameaças de morte, 35 agressões, 33 espancamentos, 7 casos de violência sexual, 34 tentativas de assassinato, sem contar mais de 90 suicídios.

Galdino, que veio à Brasília para discutir problemas de posse de terra no sul da Bahia com a Funai, teve seu corpo transferido para o Instituto Médico Legal às 9h10 da manhã de ontem, onde foi formolizado (tratado com formol) para que pudesse ser transportado até a aldeia indígena Caramuru—Catarina—Paraguassu, no sul da Bahia. Os técnicos do IML terminaram a formolização do corpo do pataxó por volta das 13h45. O laudo do IML atesta como causa da *morte insuficiência renal* e respiratória e falência multipla dos orgãos provocadas por queimaduras. A Fundação Nacional do Índio (Funai) efetuará o translado do corpo em vôo da empresa Rio—Sul/Nordeste para Ilhéus, com saída prevista para hoje às 10h.

Ed Ferreira/AE

O acusado Antônio Novely Vilanova: cela especial para 'filhinhos de juiz'

Fotos reprodução

Max Rogério Alves


Eron Clóvis Oliveira


Thomas Oliveira Andrade

ÍNDIOS FAZEM MANIFESTAÇÃO

Em ritual no local do crime, grupos exigem demissão do presidente da Funai

A morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos agravou a situação do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger. Em um ato conjunto de grupos indígenas e de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), realizado ontem na parada de ônibus onde Galdino foi queimado vivo, eles pediam a demissão de Gaiger. Os líderes indígenas estão organizando um encontro para a próxima semana para indicar Jorge da Silva Terena para o cargo.

Na manifestação, eles caminharam juntos, empunhando as bandeiras vermelhas do movimento, desde o Gran Circo Lar até a parada (cerca de três quilômetros). Ao chegar ao local onde os jovens atearam fogo em Galdino, os índios pataxós realizaram um ritual em língua nativa.

Um dos índios traduziu para os demais participantes as expressões indígenas usadas no ritual: "Os pais brancos devem ensinar seus filhos a respeitar e tratar bem os índios, porque se acontecer isso de novo, nós vamos julgar os meninos pela nossa tradição e justiça." Depois, puseram fogo em um tambor para simbolizar o assassinato e depositaram flores no banco da parada de ônibus.

O presidente da Funai, Júlio Gaiger, eximiu ontem de qualquer responsabilidade o órgão que preside pela morte do índio. "Não houve negligência da Funai. Foi uma fatalidade", frisou Gaiger, numa nervosa entrevista concedida, no final da tarde, no Ministério da Justiça, onde anunciou que já estão garantidos os recursos para a construção da Casa do Índio, em convênio com a Fundação Hospitalar do DF.

Justiça
RITUAL INDÍGENA

Acompanhado pelo cacique Samado, da comunidade pataxó e também pelo índio Gerson, primo de Galdino, Júlio Gaiger ficou o tempo todo tentando se esquivar de responder perguntas sobre as circunstâncias da morte de Galdino. "O importante, para os pataxós, é o problema da terra", repetia o presidente da Funai, procurando chamar a atenção para o problema fundiário da região sul da Bahia, palco de violentos conflitos com os fazendeiros locais e objeto da visita dos oito pataxós, que estavam hospedados, por conta da Funai, numa pensão.

Segundo o presidente da Funai, o órgão não tem condições de designar funcionários para acompanhar os índios pela cidade. Exaltado com as perguntas que procuravam saber os critérios que a Funai adotava para escolher as pensões para os índios, Gaiger afirmou que é uma questão de ordem interna e privada o fato da pensão não ter deixado o índio entrar, de madrugada, o que acabou levando-o a dormir numa parada de ônibus. "Não existe nenhuma ordem da Funai para as pensões só abrirem as portas para os índios até determinada hora. O estabelecimento é particular e tem suas próprias restrições", afirmou.

PATAXÓS BUSCAM APOIO

Índio queimado tinha ido a Brasília resolver posse de terra na região sul da Bahia

Ed Ferreira/AE

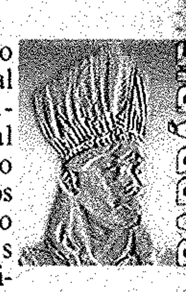
Protesto no local onde Galdino foi morto: pataxós brigam pela terra

Os índios pataxós foram a Brasília buscar apoio da própria Fundação Nacional do Índio (Funai), da Câmara dos Deputados e da Procuradoria Geral da República para resolver a questão da posse da terra. "Pataxó não veio para Brasília para passear. Viemos buscar apoio do governo para o problema da terra. E o que a gente ganhou foi ser tratado como bicho", desabafou o índio Gerson Pataxó, primo do índio Galdino Jesus dos Santos, que foi queimado vivo.

De acordo com Gerson, os índios pataxós vêm sofrendo, há mais de 10 anos, com a falta da posse da terra. Inicialmente, em 1926, o governo do Estado da Bahia tinha concedido aos índios a posse de 36 mil hectares de terra. Só que toda essa terra foi reduzida, com o passar dos anos, a apenas 1.079 hectares, sem água, onde se amontoam dois mil índios. "Fomos expulsos de nossas terras", conta Gerson, falando que nos últimos anos os índios vêm sofrendo com a fome, a sede e doenças. Só em 1992, segundo ele, uma epidemia de cólera na aldeia matou mais de 100 índios.

Segundo o presidente da Funai, Júlio Gaiger, o órgão entrou na Justiça, em 1982, para obter a posse precária da terra para os pataxós. A ação que busca cassar os títulos de posse da terra, hoje em mãos de particulares, foi classificada como um erro pelo presidente da Funai. Como o processo ainda se encontra sob exame da Justiça, os índios começaram nova ação. A liminar, em 1ª instância, não foi concedida pela Justiça de Ilhéus. Os pataxós recorreram e ganharam no Tribunal Regional Federal da Bahia nova liminar que garante a posse da terra. É o cumprimento dessa liminar, com proteção do governo, que eles foram buscar em Brasília.

BARBÁRIE



A polícia do Distrito Federal deu um tratamento especial para os quatro rapazes acusados de matar o índio Galdino Jesus dos Santos queimando-o vivo enquanto ele dormia num ponto de ônibus na madrugada de domingo. Os acusados passaram a noite em uma sala da Coordenação de Polícia Especializada da Polícia Civil (CPE) e, para garantir sua segurança, foram transferidos no início da tarde para o Núcleo de Custódia da Penitenciária da Papuda. "Temos de dar segurança para essa garotada", explicou o diretor-geral da Polícia Civil do DF, delegado Teodoro Rodrigues. Galdino, que teve 95% do corpo queimado, morreu às 2h, no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN).

Na CPE, onde existem apenas 140 vagas, estão 310 presos. "Tem criminoso ali dentro que adoraria pegar um garoto desses e trucidar", disse Rodrigues. Segundo o delegado, a CPE é um "quebra galho da Justiça", onde só ficam os presos perigosos e condenados à espera de vaga em presídio.

"Esses garotos são primários, sem antecedentes e têm residência fixa", lembrou. "Eles não podem pagar por serem filhos de algum fulano." Os quatro rapazes passaram a noite em uma sala utilizada para o reconhecimento de presos. A sala, de três metros quadrados, tem grades nas janelas e ventilação, mas não tem instalação sanitária. Segundo policiais, os rapazes receberam colchonetes e cobertores dos familiares e passaram a noite dormindo.

Ed Ferreira/AE

O índio Galdino Jesus dos Santos

Pela manhã, receberam o café da manhã normal dos detentos e só receberam a visita do advogado Rommel Parreira Corrêa. O delegado Silvério Antônio Moita de Andrade, diretor da divisão de administração da CPE, desistiu de colocar os rapazes em celas comuns por causa da reação dos outros detentos. "Olha aí os filhinhos de juiz, botem eles aqui na cela com a gente", gritaram os presos.

Os presos se referiam principalmente a Antônio Novely Vilanova, de 19 anos, filho do juiz federal da 7ª Vara Federal do DF, Novely Vilanova da Silva Reis. Durante a transferência, os rapazes saíram em silêncio, com a cabeça baixa ou escondendo o rosto com camisas. Apenas Max Rogério Alves, também de 19 anos, enteado do ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) Valter Medeiros disse alguma coisa. "Estou muito arrependido", afirmou. Foram também transferidos Thomas Oliveira Andrade, de 19 anos, e Eron Clóvis Oliveira, de 18. O menor G.N.A., de 16 anos, permanece no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje).

Para transportar os rapazes, a polícia trocou o camburão por três automóveis modelo Santana, 0 km. "Nosso camburão está estragado", explicou Rodrigues. No Núcleo de Custódia, os rapazes também ficarão em uma cela separada dos demais detentos, mas terão direito a banho de sol, sanitário na cela e fazer as refeições no refeitório. "Foi pedida vaga para eles no Núcleo de Custódia", disse. O delegado Rodrigues afirmou que existe uma cela especial reservada para esses casos.

Acervo ISA

JT
22/4/97 cont.
515

"A MINORIA ESTÁ SENDO MASSACRADA SEM PIEDADE"
(Do cacique pataxó Patiburi)

Pataxós dançam toré para honrar Galdino

A CERIMÔNIA NO ENTERRO HOJE VISA A PURIFICAR A ALMA DO MORTO

Joedison Alves/AE

O pai de Galdino mostra a carteira de trabalho do filho

Os índios da aldeia pataxó hã-hã-hãe, em Pau Brasil, a 550 km de Salvador, estão preparando uma grande manifestação durante o sepultamento, hoje, de seu chefe Galdino, 44 anos, queimado vivo por cinco jovens de Brasília. O prefeito de Pau Brasil, Durval Santana (PMDB) decretou luto de três dias e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) classificou o caso de "neonazista".

Os índios pataxós ha-ha-hãe dançarão hoje o toré, em ritual pela morte de Galdino. É uma dança em círculo, realizada tanto em situações de alegria quanto de tristeza. Na celebração fúnebre, dançam homens, mulheres e jovens, de forma bastante comedida. Na descrição do pai de Galdino, Juvenal, essa dança "é muito triste", e com ela os índios pretendem "tirar o mau espírito", numa purificação da alma do morto.

O cacique Patiburi, que participava ontem em Salvador de uma exposição de artesanato, disse que "a situação está fora de controle, a minoria está sendo massacrada sem piedade". O cacique Nengo, da aldeia pataxó de Santa Cruz Cabrália, situada a 730 km de Salvador, desconfia que o assassinato "possa ter conotação política", porque Galdino lutava há anos pela demarcação de terras.

Os 1.700 pataxós hã-hã-hãe moram numa reserva de mil hectares na Fazenda São Lucas, em Pau Brasil, e estão reivindicando, há 15 anos, a ampliação para 36 mil hectares, o que vem causando conflitos constantes com fazendeiros. Nove pataxós teriam sido mortos em conflitos em Pau Brasil. Em Brasília, Galdino tinha a missão de tratar da demarcação.

A notícia do crime chegou a Pau Brasil no final de semana, durante as comemorações do Dia do Índio, segundo informou o prefeito Durval Santana. "Como acontece todos os anos, os índios estavam fazendo festa na cidade, participando de uma solenidade na Câmara Municipal em louvor à data, quando souberam do caso", contou. "Todo mundo ficou triste e abalado." O sepultamento vai ocorrer na reserva dos pataxós, a 6 km da cidade.

REPERCUSSÃO

FHC ouve protestos no Canadá

O assassinato do índio pataxó poderá provocar contratempos para o presidente Fernando Henrique Cardoso em sua visita ao Canadá. Entidades de defesa dos direitos humanos estudavam a possibilidade de fazer algum tipo de manifestação ou, pelo menos, fazer chegar ao presidente uma carta de repúdio ao que ocorreu em Brasília.

O presidente qualificou de trágico e repulsivo o ato cometido por jovens da classe média de Brasília. "Acho que estamos passando de todos os limites", afirmou o presidente ontem ao chegar ao Canadá. "Ainda bem que estão presos." Para assinalar que lamentava o fato, o presidente pediu quebrou todo o protocolo do cerimonial do governo do Canadá.

A morte do índio pataxó é mais um fato negativo que Fernando Henrique levou em sua bagagem para o Canadá. A preocupação dos canadenses com a sua própria população nativa é muito grande. Os índios são recebidos em audiência pelo primeiro-ministro Jean Chrétien. E há leis específicas para a proteção dos esquimós.

Na Inglaterra, a Organização Não-Governamental Survival International, que cuida da proteção dos povos indígenas, divulgou ontem uma nota oficial cobrando providências das autoridades brasileiras em relação ao assassinato do índio Galdino.

"A Survival está chocada com mais esse acontecimento. Quantas mortes terão ainda que ocorrer antes que o governo brasileiro tome alguma ação?", diz a nota divulgada ontem.